



O que buscamos no trabalho?

Síntese de

Paolo Prosperi

MILÃO

Sábado, 7 de fevereiro de 2026

Introdução

Nos últimos anos, o tema do trabalho tem se imposto com urgência crescente, não apenas como uma questão econômica ou social, mas como um âmbito decisivo para compreender a experiência humana em sua totalidade. Foi a partir dessa consciência que, no início de 2025, juntamente com alguns amigos da CdO e outros companheiros de caminho, nasceu a ideia de realizar a exposição “Cada homem em seu trabalho”, inspirada no célebre verso de T.S. Eliot e no Manifesto do Bom Trabalho da CdO.

A grande participação suscitada pela exposição, apresentada no Meeting de Rimini diante de cerca de 4.000 pessoas e posteriormente itinerante por diversas cidades italianas, confirmou o quanto o trabalho é hoje uma questão aberta e viva, capaz de tocar profundamente a vida de cada um. Ao mesmo tempo, a própria experiência de preparação e compartilhamento da exposição tornou evidente que uma iniciativa cultural, por mais significativa que seja, não basta, por si só, para esgotar a amplitude desse tema.

Tornou-se cada vez mais claro que somente dentro de uma amizade e de uma companhia vivida é possível amadurecer um juízo original sobre o trabalho: sobre aquilo que o torna um lugar de realização, sobre as feridas e os obstáculos que o atravessam e sobre a atitude com que cada pessoa é chamada a vivê-lo. Daí nasceu a exigência de favorecer espaços de encontro e diálogo, nos quais possamos ajudar-nos a interpretar aquilo que acontece cotidianamente nesse âmbito que ocupa grande parte dos nossos dias e constitui uma das expressões mais concretas de nós mesmos.

É nessa perspectiva que se insere a assembleia proposta no dia 7 de fevereiro de 2026, com mais de 100 participantes, pensada como uma ocasião de diálogo com padre Paolo Prosperi a partir de algumas perguntas essenciais:

O que nos realiza e nos atrai no trabalho? Em que encontramos interesse, motivação e realização? Quais obstáculos encontramos no trabalho? O que bloqueia a nossa humanidade e quando a fadiga se torna uma objeção? Qual posição devemos ter diante do trabalho? É necessário nos contentarmos ou podemos buscar algo mais?

Para prosseguir e aprofundar o caminho que faremos juntos, podemos recorrer a alguns textos e experiências que nos acompanham como pontos de referência:

- **Ávila e Assis**
- **Intervenção de padre Paolo no Meeting 2025**
- **Catálogo da exposição “Cada homem em seu trabalho”**
- **Manifesto do Bom Trabalho**

A seguir, propomos as intervenções de padre Paolo Prosperi na assembleia de 7 de fevereiro.

Transcrição da intervenção de padre Paolo Prosperi

Manhã – sábado, 7 de fevereiro

[A intervenção é a conclusão da assembleia, pensada como uma ocasião de diálogo com padre Paolo Prosperi a partir de algumas perguntas essenciais: O que nos realiza e nos atrai no trabalho? Em que encontramos interesse, motivação e realização? Quais obstáculos encontramos no trabalho? O que bloqueia a nossa humanidade e quando a fadiga se torna uma objeção? Que atitude devemos assumir diante do trabalho? É necessário contentar-se ou podemos buscar algo mais?]

O que é o trabalho

Se entendo bem, o que agora devo tentar fazer é recolher os principais elementos que emergiram ao longo desta assembleia, para lançar o trabalho que vocês realizarão em grupos, nas mesas, após o almoço. Em essência, parece-me que podemos reunir as perguntas, as reflexões feitas e as conquistas relatadas em torno de três núcleos temáticos.

O primeiro núcleo temático é a questão do **sentido do trabalho**.

Partimos daquela ideia, já levantada no Meeting, segundo a qual a crise contemporânea, no campo do trabalho, é uma **crise de sentido**. Sobre isso, parece-me importante lembrar, antes de tudo, que o termo crise é uma *vox media* – isto é, uma palavra que pode ter tanto um significado negativo quanto positivo, dependendo do ponto de vista. Enfim, estar em crise não é necessariamente um mal. Pode ser uma ocasião, a ocasião de ampliar o próprio horizonte, fazendo-se perguntas que talvez, quando tudo corria bem, não se era obrigado a fazer. No nosso caso, a pergunta é esta: qual é o sentido do trabalho?

Ouvimos, então, alguns testemunhos muito belos, que não retomarei aqui, mas que documentam a experiência de uma consciência do significado do trabalho decididamente excêntrica, tanto em relação à necessidade compulsiva de autoafirmação típica do sujeito do desempenho, para retomar a expressão de Chul Han, quanto, no extremo oposto, em relação a uma concepção "rebaixada" do trabalho. Penso aqui, sobretudo, no relato tão dramático de Francesco, de Cremona. Às vezes corremos o risco de esquecer que, para muitos, o trabalho continua sendo nada mais que um cansaço alienante, no mesmo sentido em que era o trabalho dos hebreus na terra do Egito, de que falamos em Assis 1.

Em vez disso, alguns de vocês mostraram muito bem como o trabalho pode realmente voltar a ser aquilo para o qual foi feito: uma forma de colaborar na construção de um bem, dizia um de vocês; no aumento do valor, dizia outro. E justamente esse doar-se para a construção do bem comum torna-se fonte de um gosto pelo empenho que, de outro modo, não existiria.

Nenhum idealismo, portanto. O termo idealismo indica estabelecer para si objetivos que, de fato, são inalcançáveis, dos quais não se pode fazer experiência. Ao contrário, aquilo que muitos de vocês testemunharam é uma experiência real, e isso significa que aquilo de que falamos é um ideal realizável, realista e realizável simplesmente porque corresponde àquilo para o qual fomos feitos.

Agora, surge uma pergunta adicional – um pouco provocativa, porque ainda mais fundamental do que a que foi colocada – que sinto a tentação de jogar sobre a mesa para relançar o diálogo. Nós nos interrogamos sobre o sentido do trabalho. E tudo bem. *Mas o que é propriamente o trabalho? Melhor ainda: o que indicamos, em que pensamos quando usamos a palavra trabalho?* Parece-me que, muitas vezes, quando falamos de trabalho, consciente ou inconscientemente usamos essa palavra em um sentido reduzido, como se ela não indicasse outra coisa senão a profissão. A falta de unidade da vida, ao meu ver, frequentemente depende justamente dessa perspectiva "pequena".

Na realidade, porém, a palavra "trabalho" abrange toda a vida, se é verdade que o grande trabalho, a grande obra da vida, é a realização de nós mesmos, a tarefa de nos realizarmos como seres humanos. E isso evidentemente inclui aprender a amar os próprios filhos e o próprio cônjuge, construir relações de verdadeira amizade, não menos do que a profissão pela qual somos remunerados. Por acaso amar e dedicar-se à educação dos filhos é menos trabalho, é menos esforço – trabalho, do latim *labor* – do que construir uma carreira em uma empresa? Se a palavra trabalho, como dizia Dom Giussani, indica a aplicação da energia afetiva humana a uma determinada realidade para melhorá-la, para "modelá-la" segundo um ideal, então é claro que também educar é trabalho. Aliás, toda ação que contém em si um impulso ideal é trabalho. Levantar-se da cama pela manhã, quando se gostaria continuar dormindo, é trabalho. Rezar é trabalho. Por acaso rezar não é trabalho?

Enfim, acredito que mesmo a questão do equilíbrio entre vida e trabalho (**life-work balance**), que apareceu diversas vezes, não pode ser realmente enfrentada se não nos dermos conta de que talvez o problema seja possuir um conceito reduzido de trabalho. O verdadeiro problema, ao que me parece, não é "trabalhar demais" em si. Se alguém tem muita energia, agradeça aos céus. O problema talvez seja que, às vezes, se perde de vista a tarefa total, isto é, tem-se justamente uma concepção restrita do "trabalho" ao qual somos chamados. Para mim, por exemplo, rezar não é um trabalho menos importante, menos sério, do que pregar ou ensinar. Pelo contrário, em certo sentido, é o trabalho mais importante, porque é na oração que encontro o impulso, o fogo e até mesmo as coisas que devo dizer quando prego.

Em suma, o trabalho não é apenas a profissão.

Eis, então, uma primeira provocação: que relação existe entre o trabalho entendido como profissão e uma certa concepção total da vida como trabalho? Qual é aquele tipo de "trabalho" que, quando é "feito", torna também o trabalho, no sentido profissional da palavra, mais humano?

Objeções, fadigas, dificuldades

O segundo núcleo temático está ligado ao segundo ponto da pauta, que colocava em foco as objeções, as fadigas e as dificuldades. Aqui gostaria de recolher o que emergiu em torno de algumas expressões-chave.

A primeira é: a **"luta com as imagens"** de autorrealização que temos – Giorgio falou disso com clareza em sua intervenção.

Penso que cada um de nós possa facilmente reconhecer-se no drama descrito por Giorgio: o drama da luta que, mais cedo ou mais tarde, surge em nós entre as imagens de sucesso e de realização que inevitável e espontaneamente brotam em nós quando nos lançamos com entusiasmo em alguma coisa, e o confronto com uma realidade que nunca corresponde à nossa imagem. Aqui se abre, ao que me parece, outro "filão" temático interessante. Como Dom Giussani nos ensinou, nem sempre as imagens e os preconceitos são algo negativo. Antes de tudo, são algo inevitável. Mas depois, sobretudo quando está em jogo o trabalho, não seriam até mesmo necessários? Quem não tem imagens é alguém com pouca imaginação projetiva, ou não? Portanto, assim como o preconceito, na ordem do conhecimento, não é em si mesmo um mal, também, e com maior razão, a imagem de "como as coisas deveriam acontecer" no trabalho não é, em si, um mal. O problema surge quando a imagem se torna um ídolo, isto é, uma imagem petrificada, fechada, in-

disponível para deixar-se modificar e refundir pelo imprevisto, pela realidade que pede que se abandone este ou aquele aspecto da própria ideia. É quando a imagem se torna ídolo que ela passa a ser algo que nos aliena, no sentido de que nos rouba a capacidade de enfrentar positivamente e, por isso, de saborear o presente, de ver o bem naquilo que existe, e, conseqüentemente, de entrar na verdadeira experiência do cêntuplo. Pois o que é o cêntuplo, senão aquele gosto pelo presente, graças ao qual você se descobre *totalmente imerso na realidade* que tem diante de si, sem aquela incômoda "vozinha" zumbindo no ouvido, repetindo que seria melhor estar em outro lugar e fazendo outra coisa? O que é o cêntuplo, senão aquela veneração pelo detalhe, pelo particular que nos é dado, que floresce em nós quando, naquele detalhe, enxergamos o Todo, isto é, o encontro com o Senhor da realidade?

Eis que, para mim, o tema da luta com as imagens só é colocado em seu devido contexto quando começamos a perceber aquilo que perdemos ao perseguir obstinadamente o sonho: perdemos aquele gosto pela realidade dada, que coincide com a percepção de sua sacramentalidade, isto é, do seu ser o ponto concreto de chegada – pequeno ou grande, não importa – do encontro do Infinito conosco.

Para explicar isso, Dom Giussani amava fazer o exemplo do escriba medieval. Pensemos nesses monges que copiavam, copiavam livros inteiros, letra por letra, com um cuidado impressionante por cada uma delas – basta observar aqueles grandes volumes preservados nos museus para verificar isso com os próprios olhos. Por que faziam isso? Por quê? Porque, para eles, cada letra era literalmente sagrada, algo sagrado.

A segunda palavra para a qual quero chamar a atenção de vocês é a **palavra tempo**.

O próprio Giorgio, mas também outros, insistiram no fato de que a vertigem e a frenesi de um ambiente de trabalho que exige desempenhar sempre mais e mais rapidamente – dizia-se – parecem impedir, ou ao menos dificultar, a contínua recuperação daquele olhar de que falávamos há pouco: aquele olhar contemplativo, impregnado da memória da origem das coisas, que, para ser cultivado, necessita de certo desprendimento, de certa distância das próprias coisas. Como posso realmente ver uma coisa que sou chamado a manipular, se não dou um passo para trás e a observo dentro do horizonte total do qual ela faz parte? Acabarei tratando-a de modo instintivo, reativo, sem respeito, no sentido mais profundo da palavra. Também essa provocação me parece tudo menos banal. O que dizer a esse respeito?

Work-life balance ou unidade da vida

A terceira questão que surgiu, a meu ver, é a da **unidade da vida**. Foi levantada por Teresa, mas também por Giulia (duas mulheres: uma coincidência?).

Ambas as intervenções sublinharam – se compreendi bem – que o equilíbrio não é alcançado simplesmente por meio de uma administração cuidadosa e habilidosa das próprias energias, sem que isso signifique negar a importância de amadurecer no equilíbrio entre vida e trabalho (work-life balance). O que torna possível a unidade da vida, se é verdade que o equilíbrio, dadas as "circunstâncias inevitáveis" em que frequentemente nos encontramos, continua sendo para a maioria um equilíbrio

instável? O que introduz paz, uma paz substancial e uma unidade dentro dos nossos dias, capaz de conter a ansiedade, de outro modo avassaladora, de tentar manter “todas as peças juntas”?

Essa me parece ser a terceira questão, que eu chamaria de questão da ordem, ou do “*principium ordinis*”. A palavra ordem significa a proporção entre as partes de um todo. E a nossa vida também é isso, um todo composto de muitas peças, muitas partes. Pois bem, o que faz dessas partes um todo ordenado? O que dá unidade e ordem, isto é, beleza (porque a ordem é beleza e, por isso mesmo, fonte de prazer e de gosto) às peças desse quebra-cabeça? Qual é o “princípio” (isto é, a causa, o fator determinante) da unificação das partes?

Ambiente

O quarto tema, evocado por muitos, sob diferentes ângulos e nuances, é o tema do **escândalo representado pelo ambiente** de trabalho no qual estamos imersos – um ambiente que parece tornar utópico, ingênuo ou idealista o desejo de viver o trabalho de modo novo e diferente. Penso aqui na intervenção de Davide, que, de maneira tão crua quanto direta, falou do dinheiro como sendo o único objetivo pelo qual todos trabalham em sua empresa. Também esse me parece um tema digno de consideração, não? Percebemos ou não percebemos o problema levantado por Davide? Como nos colocamos diante dele? Como enfrentamos a dialética, o conflito que inevitavelmente nos diz respeito, entre as leis do capitalismo neoliberal que predominam no mundo do trabalho em que estamos inseridos e o ideal que gostaríamos de viver? Como vocês sabem, eu não apenas não sou formado em economia, como também sei muito pouco sobre esses temas. Contudo, o problema de fundo, em seu núcleo mais elementar, parece-me claro.

No fim das contas, a questão é esta: uma empresa, para sobreviver, para existir e produzir os bens que tem por finalidade produzir, para contribuir para o bem comum, precisa antes de tudo sobreviver, precisa manter-se de pé, e, para isso, precisa gerar receita. Ora, o ponto é: uma empresa pode hoje buscar o lucro, crescer de forma saudável em capital e solidez econômica, e ao mesmo tempo ter como finalidade a promoção do bem da pessoa e do bem comum? Essas duas coisas podem ser conciliadas? Essa me parece ser a questão. Jesus diz: “Não se pode servir a dois senhores.” Ou se serve a Deus ou se serve ao dinheiro. Isso é claro.

O problema, porém, é outro: é possível, *no mundo concreto de hoje*, construir uma empresa que não sirva ao dinheiro, mas ao Reino de Deus? E, admitindo que a perfeição não é deste mundo – pois cairíamos justamente na utopia se a buscássemos –, o que significa viver, ao menos, uma tensão em direção a esse ideal?

Trabalhar é estar em relação com os outros

Outro filão temático, ligado a este, parece-me ser a questão levantada sobretudo por Salvatore: a das relações interpessoais. Poderíamos chamá-la de **“questão ou tema afetivo”**. Estar mergulhado em um ambiente de trabalho significa também estar inevitavelmente imerso em uma rede de relações humanas, isto é, em uma “sociedade”. Mesmo alguém que trabalhasse fisicamente sempre ou quase sempre sozinho, na realidade está sempre – ao trabalhar – em relação com os outros, nem que seja pelo fato de que o seu trabalho é ordenado à produção de bens destinados à sociedade.

Portanto, trabalhar significa inevitavelmente estar em relação com os outros.

E isso significa que o retorno afetivo, digamos, o feedback emocional que recebemos das relações com os outros – sejam eles chefes, subordinados, colegas, clientes, enfim, todos aqueles “outros” com quem o trabalho nos leva a interagir – inevitavelmente condiciona as escolhas que fazemos, além do próprio modo de trabalhar.

Salvatore falava justamente, nesse sentido, de um sentimento de pressão e até mesmo de medo que a rede de relações na qual está imerso como empresário tende a suscitar nele: medo de quê? Antes de tudo, do julgamento alheio, do julgamento de seu pai, medo de que a relação com os funcionários tome um rumo negativo, com consequências prejudiciais para a empresa, e assim por diante. O medo das possíveis reações ou atitudes dos outros torna-se causa de um agir cauteloso e receoso, e também de uma diminuição das próprias expectativas, de uma renúncia àquela ideia talvez boa e certa que se tinha, cedendo a compromissos aqui ou ali.

Também este me parece um tema muito interessante. Contudo, da forma como essa questão ressoa em mim, o problema levantado por Salvatore é, na verdade, parte de uma questão mais ampla e verdadeiramente crucial. Qual questão? A questão da vocação ou missão do leigo. Ou, dizendo em termos menos genéricos, a seguinte pergunta: o que significa para um leigo viver sua presença no mundo e, portanto, também o trabalho como missão? Qual é a missão do leigo e o que o trabalho tem a ver com essa missão?

No mundo, mas não do mundo

É evidente que, sobre uma questão tão ampla, muitas coisas poderiam ser ditas. Levando em consideração a questão levantada por Salvatore, gostaria de destacar uma expressão que me parece profundamente ligada ao problema apresentado: ser leigo – leigo cristão, leigo batizado – significa, entre outras coisas isso: ser chamado a estar ao mesmo tempo **no mundo e não do mundo**. Parece-me que nessa expressão está contido todo o drama, ao mesmo tempo fascinante e marcado por luta, tensão, que caracteriza a condição paradoxal, o paradoxo específico da vocação laical. Aquilo que caracteriza o leigo – em contraste com o monge, a religiosa ou o sacerdote – é, antes de tudo, o fato de ser chamado a uma imersão total no mundo, isto é, a mover-se nos mesmos ambientes em que todos se movem, exercendo as mesmas profissões e frequentando os mesmos lugares (ou não exatamente os mesmos) que todos. Muitas vezes, porém (inclusive em uma certa narrativa pouco refletida difundida também entre nós) paramos aí: “Sou leigo!” Ou seja: “Estou no mundo, não sou padre nem freira...” Correto. Mas falta uma parte fundamental. O cristão leigo não é chamado apenas a estar no mundo. É chamado a estar no mundo sem ser do mundo, o que implica também uma dimensão de confronto, de irreducibilidade e, digamos claramente, de luta com a mentalidade do mundo. A vocação leiga é a vocação de estar no mundo, onde todos estão, mas não de viver como todos. Parece-me que, nesta observação simples e, se quisermos, óbvia, está no fundo o cerne da questão, porque, como Salvatore observou com grande realismo, de fato é impossível estar no mundo, isto é, imerso em uma rede de relações – porque estar no “mundo”, concretamente, significa isto: ter relação com fulano e sicrano, com esta e aquela pessoa, com esta e aquela instituição... – sem sofrer sua influência, sem ser inevitavelmente condicionado pela atmosfera, pelo modo de pensar e reagir daqueles que estão ao nosso redor. É assim e ponto final.

A questão, então, torna-se a seguinte: **como não se retirar de um ambiente que obedece a lógicas frequentemente alienantes, sem ceder a essas lógicas e até mesmo tentando introduzir novas?** João Paulo II falava, a esse respeito, de "estruturas de pecado". O problema mais grave da sociedade (ou das sociedades) em que vivemos não é, portanto, o fato de existirem tantos pecadores – é claro que nós mesmos, individualmente considerados, somos pecadores. O problema mais grave está no fato de existirem estruturas sociais e econômicas que, independentemente da liberdade dos indivíduos, são intrinsecamente problemáticas, na medida em que geram e tornam sistêmicas dinâmicas de relação – com o dinheiro, com os outros, com o trabalho, com a comunidade, com a natureza – que são tóxicas (por exemplo, porque se baseiam na pura competição individualista ou numa pura lógica de lucro, sem interesse pelo bem comum etc.). Pois bem, como estar neste "mundo" sem ser devorado por ele? E, antes ainda: é preciso permanecer nele? Quando é preciso permanecer, e quando, ao contrário, é preciso ter a coragem de cair fora? São perguntas sérias.

Amizade e pertença

Aqui me parece inserir-se o terceiro filão das intervenções, que tem a ver com a função **"salvífica" da amizade, da pertença a um lugar humano** de algum modo diferente, um lugar onde se possa buscar aquele oxigênio que nos permite permanecer na luta, não sermos arrastados pela corrente. Também aqui haveria muitas coisas a dizer, mas, neste ponto, talvez seja melhor parar. Parece-me que já colocamos mais do que lenha suficiente na fogueira.

Na verdade, não entendi muito bem se, além de fazer um balanço das questões que surgiram, Camu e Ciccio pretendiam me pedir um aprofundamento, uma reflexão que já tentasse dizer algo de positivo a esse respeito.

De todo modo, o único ponto de reflexão que me vem à mente, reagindo de imediato, de maneira espontânea, ao que emergiu, é este: enquanto escutava – penso, por exemplo, na intervenção de Davide, ou, em outro sentido, na de Francesco, de Cremona – pensei comigo mesmo que de fato, podemos dizer muitas coisas boas, bonitas e certas sobre o significado do trabalho, sobre aquilo que o trabalho *deveria* ser. Mas essas coisas são possíveis no mundo real, no ambiente de trabalho em que vocês se movem, no qual a maioria das pessoas se encontra vivendo e trabalhando, ou são verdadeiras apenas para uma pequena minoria que talvez tenha a possibilidade de trabalhar em um oásis feliz, cercada de amigos (admitindo que esses oásis sejam realmente o que parecem)? Em suma, aquilo que dizemos pode ser encarnado na vida? Ou contamos a nós mesmos belas fábulas utópicas para, no fundo, sentirmo-nos um pouco melhor?

Pois bem, gostaria de me limitar a dizer duas palavras sobre isso, não para oferecer alguma solução, mas antes para convidá-los a olhar para a questão a partir de outro ponto de vista, abrindo, por assim dizer, um "outro arquivo", que me parece que ainda não abrimos e que, no entanto, considero decisivo abrir para olhar o quadro geral com o devido realismo.

Realismo e necessidade de redenção

Tentarei dizer assim: parece-me que uma coisa que corremos o risco de não levar verdadeiramente em conta, quando falamos de trabalho, é o fato de que o trabalho, tal como dele fazemos experiência "neste planeta", isto é, *no mundo tal como ele é*, não é aquilo que deveria ser, não é aquilo que seria se estivéssemos no Éden, isto é, se não tivesse havido a queda. Não por acaso insisti na categoria de "mundo", isto é, numa categoria que, na Bíblia, sobretudo em João, é ambígua. Em que sentido? No sentido de que, por um lado, o mundo é bom, foi feito bem por Deus. Enquanto criação de Deus, é bom e, por isso, é justo trabalhá-lo, é algo bonito, grande, exaltante. Como estamos dizendo desde Assis: é uma honra, uma glória poder colaborar com Deus no aperfeiçoamento do mundo, ser subcriadores etc. etc. Por outro lado, o mundo, enquanto escravo da mentira, enquanto cheio de "estruturas de pecado", não é bom, é mau. E, de fato, em João a palavra mundo, kosmos, frequentemente tem uma conotação negativa. Compreendemos assim o coração do problema. O trabalho, em si mesmo, é bom, é uma tarefa bela e boa. Porém, uma vez que não estamos no paraíso terrestre, mas num mundo que é escravo da vaidade, como diz São Paulo, **é como se o trabalho não pudesse assumir outra forma senão a da redenção, isto é, da cruz**. Não há nada a fazer, se se quer fazer o bem neste mundo, é preciso tomar a cruz, é preciso sofrer. Por quê? Porque no mundo há uma resistência ao bem, até mesmo no mundo físico. Leiamos Gênesis 3, que é o texto-chave para compreender esta questão. Aliás, se não meditarmos estes versículos, no fundo não compreendemos nada da condição pungente do homem enquanto chamado ao trabalho, à tarefa de "cultivar a terra" (recordo que a palavra trabalho, do latim *labor*, significa esforço, fadiga!):

17 *Javé Deus disse para o homem: "Já que você deu ouvidos à sua mulher e comeu da árvore cujo fruto eu lhe tinha proibido comer, maldita seja a terra por sua causa. Enquanto você viver, você dela se alimentará com fadiga.*

18 *A terra produzirá para você espinhos e ervas daninhas, e você comerá a erva dos campos.*

19 *Você comerá seu pão com o suor do seu rosto, até que volte para a terra, pois dela foi tirado. Você é pó, e ao pó voltará".*

Antes de tudo, faço notar o nexos que o autor bíblico sugere existir entre o gesto de Eva e Adão de comer o fruto da transgressão, da auto deificação (porque é isso que o gesto de Adão representa), e as desastrosas consequências desse mesmo gesto para o trabalho da terra. Já aqui haveria muito a dizer e sobre o que refletir: por que esse fazer-se Deus do homem, esse "comer tudo", sem respeito pelos limites impostos pelo Senhor à sua liberdade, produz efeitos tão devastadores sobre o solo e sobre o trabalho? Não vou aprofundar. Deixo a questão para reflexão.

Concentro-me, antes, no que vem a seguir: "maldita seja a terra por sua causa. Enquanto você viver, você dela se alimentará com fadiga." São palavras fortes, sobre as quais talvez não meditemos o suficiente. E talvez devêssemos: amigos, a fadiga é uma condição inevitável, porque vivemos num mundo decaído, isto é, num mundo que precisa ser redimido!

Vocês dirão: mas ele já foi redimido por Cristo! Sim, é verdade. Mas em que sentido? Já e ainda não! Já e ainda não!

A cruz e a ressurreição de Cristo introduziram no mundo um princípio, uma fonte inesgotável e invencível de redenção no mundo, uma fonte que nada pode secar, esgotar ou vencer. Uma fonte que, no fim, fará tudo florescer novamente. Mas o reflorir, hoje, no presente, de um pedaço de mundo que nos foi confiado, à nossa responsabilidade, esse reflorir depende também da colaboração da nossa liberdade, da nossa carne, das nossas mãos com a Sua Graça, com a Força redentora que vem d'Ele. Eis então a grande palavra: redenção.

O trabalho, tal como somos chamados a vivê-lo, tal como o experimentamos, não é apenas energia criativa ou subcriativa (diria Tolkien). Seria isso se não tivesse existido o pecado original. No entanto, uma vez que tanto o homem quanto o mundo foram envenenados pela queda, essa energia criadora deve aceitar tornar-se força redentora, e isso significa fadiga, suor, luta contra a entropia, contra a tendência à desordem que existe em nós, na terra e nas coisas; significa fadiga, dor, suor de sangue; quer dizer sacrifício. Seria bonito, e talvez o façamos em outra ocasião, ajudar-nos a compreender, talvez com exemplos e testemunhos, como esse fato, que parece triste e melancólico, torna-se, para quem vive em Cristo, ocasião de uma glória, de uma dedicação ainda mais gloriosa do que seria se a queda nunca tivesse acontecido. Seria bonito, e será bonito, tentar compreender por que e como essa "culpa" original pode ser chamada de "felix culpa", isto é, algo que Deus permitiu em vista de um bem ainda maior do que aquele que existiria se tudo tivesse corrido "às mil maravilhas". Mas, por enquanto, gostaria de sublinhar isto: muito do nosso escândalo, muitas das nossas objeções, parecem depender também de uma falta de realismo, isto é, de não levarmos em conta todos os fatores em jogo e, sobretudo, um deles: o fato de que tanto o homem, sujeito do trabalho, quanto o objeto do trabalho, isto é, a terra – "maldita seja a terra" – estão feridos, precisam ser redimidos, isto é, libertados do mal que os contamina. E isso implica fadiga, luta, suor.

O verdadeiro ponto, então, é este: o que Cristo, o relacionamento vivido com Cristo na companhia cristã, introduz de novo nessa fadiga? Como a fé transforma, se é que o faz, o "jugo" do trabalho, de um jugo bestial em um jugo leve, isto é, em algo doce e belo? É interessante aquela passagem de Gênesis 3 que citamos, na qual o autor sagrado diz: "A terra produzirá para você espinhos e ervas daninhas, e você comerá a erva dos campos." Comerás a erva do campo. Não sei se vocês já repararam nisso, mas aqui se diz algo realmente estranho. Vocês já viram um ser humano comer a erva dos campos? O homem não come a erva dos campos. Tanto é assim que, em Gênesis 1, se diz que a erva do campo havia sido reservada como alimento para os animais de carga. Assim compreendemos: depois da queda, o homem foi degradado a tal ponto que o seu labutar e o seu viver se tornaram semelhantes aos dos animais de carga. Mas, desculpem, alguém que vive apenas pelo dinheiro, isto é, pelo bem-estar material, não é como um animal? Não é, no fundo, um alienado, alguém que, sem saber, vive de fato como um animal? Alguém que idolatra o bem-estar material, o prazer que dele deriva, e que trabalha de manhã à noite com o único objetivo de aumentar o próprio bem-estar material,

não é, no fundo, uma versão um pouco mais sofisticada de um animal de carga?

Outro ponto interessante é: "Você comerá seu pão com o suor do seu rosto". Com o suor do seu rosto. Associamos o suor ao esforço e certamente esse é o primeiro sentido do texto. Mas o suor não é apenas sinal de esforço. Também se sua quando se tem medo.

O suor pode ser também sinal de angústia, de medo, o que nos remete à pergunta de Salvatore, isto é, àquele clima de ansiedade e angústia que caracteriza o mundo do trabalho, por causa da lógica da autoafirmação, da rivalidade, da competição, do constante estar sob prova, que exala como uma espécie de gás tóxico da terra dos campos que somos chamados a cultivar.

Em suma, ir ao trabalho e fazê-lo com um verdadeiro ímpeto ideal é um pouco como ir para a guerra, é preciso ter consciência disso.

Mas não contra os colegas! A questão – e este poderia ser outro tema – é justamente compreender contra quem ou o quê... ■

Transcrição da intervenção de Padre Paolo Prosperi

Tarde – sábado, 7 de fevereiro

[A intervenção segue um momento de trabalho em grupos e uma apresentação, em plenário, dos principais temas abordados]

Qual é o propósito do trabalho? O que buscar no trabalho? Muitas coisas surgiram, muitas coisas foram ditas, retomando sugestões, pistas de resposta que talvez tenhamos ouvido repetir muitas vezes. Tentarei sintetizar: no fundo, aquilo que parece tornar o trabalho algo verdadeiramente correspondente, uma atividade na qual a nossa pessoa experimenta um crescimento pessoal, por assim dizer, é quando nos damos conta de que todas as nossas energias de inteligência e de talento estão colocadas a serviço da construção de algo bonito e bom, da construção do reino de Deus – para usar uma expressão bíblica – o que depois significa a construção de um mundo, de uma sociedade, de uma realidade em que se afirme ao menos um pouco mais de ordem, de beleza; de um mundo, enfim, de uma sociedade que reflita um pouco mais aquela justiça nas relações entre as pessoas e as coisas, aquela harmonia, aquela comunhão entre os muitos, que é no mundo o espelho realizado da glória de Deus – daquele Deus que, como sabemos, é Comunhão de Pessoas – uma comunhão em que existe igualdade de dignidade e, ao mesmo tempo, diferença (cada um tem um lugar, um papel diverso, e colabora para o Bem comum de modo único).

Pois bem, tudo isso é muito bonito de dizer, de formular – este me parece ter sido o fio condutor das conversas de hoje, ou pelo menos um dos fios condutores –; tudo isso é tão nobre e claro como ideal quanto difícil de viver na prática. Tão difícil, a ponto de correr o risco de parecer utópico, abstrato. Permitam-me uma anedota autobiográfica. Eu estava no meu primeiro ou segundo ano na Rússia; devia ter pouco mais de trinta anos. Certa vez, enquanto caminhávamos pelas ruas de Moscou, uma moça do Movimento de lá, que estava fazendo carreira em uma determinada empresa, teve a ideia de me provocar e, assim, de supetão, fez uma pergunta que admito que, num primeiro momento, me desconcertou, mas que nunca mais esqueci, porque me permitiu olhar para a minha vida de um ponto de vista novo, que até então eu realmente não havia considerado: "Padre Paolo" – disse ela, entre outras coisas, com certa agressividade – *po moemu, ti durak*, que significa: "para mim, você é um idiota, um imbecil". "Por quê?", respondi eu. "Porque você, com os talentos que tem, poderia ter feito uma carreira extraordinária em vários campos, ter sucesso, e, em vez disso, está aqui sendo padre católico numa cidade onde não há católicos – ou melhor, onde ainda olham torto para vocês. Pelo menos, se tinha mesmo que ser padre, poderia tentar fazer carreira na Igreja. Em vez disso, fica aqui estudando uma língua que nunca falará realmente bem. Para quê?" Devo admitir que levei alguns segundos para absorver o golpe. Depois, porém, após pensar um pouco em silêncio, respondi-lhe sem rodeios: "Mas eu estou fazendo carreira. Não me sinto menos em carreira do que você. Apenas a carreira que escolhi é outra." "E qual é?", perguntou ela. E eu, um pouco sem jeito: "Bem, veja... eu gostaria muito de me tornar santo. A única carreira que realmente me parece interessante, se devo me expressar nesses termos, é essa." Enquanto voltava para casa, eu estava feliz. Mas lembro-me também de ter me perguntado: "Essa resposta é inteiramente justa? Ela leva em conta todos os fatores em jogo?"

Hoje não sei se responderia da mesma maneira. Por quê?

Diria que pelo mesmo motivo pelo qual hoje me senti tão provocado por algumas intervenções que deixaram transparecer o grande risco que corremos e que, ao que me parece, Kadolph identificou muito bem: o risco de viver um dualismo fundamental entre a fé, à qual aderimos com convicção, e a vida profissional, que segue por trilhos próprios e segundo leis próprias, diante das quais a nossa fé permanece passiva, sem nada a dizer.

O cêntuplo neste mundo

A verdadeira pergunta, portanto, parece-me ser esta: é possível conciliar a "carreira", no sentido espiritual do termo, e, portanto, o desejo de gastar-se a serviço do reino dos céus", com a carreira "*neste mundo*", isto é, com a busca do sucesso dentro do ambiente concreto de trabalho em que nos encontramos?

Confesso que, independentemente de todas as coisas bonitas e certas que podemos (e talvez devamos) dizer a esse respeito, recorrendo, por exemplo, à doutrina social da Igreja, considero antes de tudo interessante, ou melhor, até fascinante, o fato de que essa questão exista entre nós e tenha sido colocada. Porque é certamente verdade, como gostamos de repetir, que, se há uma característica própria do nosso carisma, ela consiste em afirmar que o Cristianismo não é renúncia ao gosto pelas "*realidades deste mundo*", mas é o caminho para uma inteligência e um modo de tratá-las que introduzem um gosto mais verdadeiro por elas, um gosto que é paradoxalmente cem vezes maior do que o experimentado por quem raciocina segundo a lógica do mundo.

A pergunta, então, torna-se mais precisa e passa a ser: mas isso que amamos dizer é verdade? É uma fábula ou é algo verdadeiro e, portanto, experimentável? Esse famoso cêntuplo de que falamos é possível *para todos* no âmbito do trabalho, ou é acessível apenas a alguns, por exemplo, àqueles que exercem atividades ligadas aos serviços sociais ou às obras de caridade? E, se dizemos que é possível, em que consiste esse cêntuplo? Que experiência temos dele? Que testemunho concreto podemos oferecer a seu respeito? Creio que está claro para todos que o "cêntuplo" de que Jesus fala não pode ser entendido em sentido material, isto é, como uma multiplicação quantitativa daquilo que se "deixa para seguir Jesus". Se fôssemos calvinistas – como Weber ensina, o capitalismo liberal encontra no calvinismo o seu húmus de crescimento – talvez pudéssemos interpretar o cêntuplo assim: "Vê-se que você recebeu a graça, que Deus o abençoou, pelo dinheiro que ganha, pelo status social que alcançou. Vê-se que Deus te abençoa pelo fato de que Ele te faz mais rico do que os outros." Nós sabemos que o cêntuplo não é isso. Embora sejamos cada vez mais influenciados pela mentalidade neoliberal anglo-americana (que nada mais é do que um calvinismo secularizado), sabemos que o famoso "cêntuplo" não consiste nisso. E então?

Ao nos colocarmos diante dessa pergunta, vejo duas tentações possíveis. A primeira, já mencionada, é a tentação dualista. Kadolph a mencionou, mas outros também a expressaram de alguma forma. Há a vida de fé com os meus amigos, há a minha "vida espiritual" – que talvez inclua também uma certa busca moral e até mesmo o desejo sincero de comunicar aos outros o encontro que vivi. Mas acaba aí. A fé existe, mas não introduz uma novidade, não muda a minha forma de trabalhar, de modo que o próprio trabalho não se torna testemunho, não fala da minha fé. No máximo, eu falo da fé no trabalho. Mas o trabalho não "fala", não diz quem eu sou. É claro que aqui desempenha um papel decisivo, pelo menos assim me parece, o *ambiente*

concreto em que a pessoa trabalha, o pedaço de “mundo” no qual está imersa. Em outras palavras: aquilo que constitui um obstáculo, a ponto de fazer parecer utópico o desejo, ainda que sincero, de introduzir uma lógica diferente na forma concreta de agir, como Davide afirmou de maneira tão direta e quase crua, é o fato de que o clima geral do ambiente em que a pessoa se encontra, a própria atmosfera que respira, está saturada de uma lógica diversa, alienada e alienante (como já se dizia esta manhã). E então, qual é o caminho? Como entrar, como ajudar-nos mutuamente a entrar cada vez mais, ao menos como tensão, na experiência de um verdadeiro cêntuplo, isto é, de um modo de trabalhar que seja realmente redentor, libertado e libertador das lógicas mundanas, porque retorna a ser aquilo para o qual o trabalho foi feito: o oferecimento de si mesmo a serviço do bem comum?

Pois bem, não pretendo oferecer aqui grandes ou elaboradas hipóteses de solução. Vou limitar-me a abrir, por assim dizer, um par de janelas, na esperança de que elas possam alargar um pouco o horizonte e sugerir direções para uma reflexão posterior. Ambas estão ligadas a citações dos padres da Igreja que me vieram espontaneamente à mente enquanto eu os escutava.

Mergulhar no mundo por amor a Cristo

A primeira é tirada do comentário de Santo Agostinho ao Evangelho de João e tem por objeto uma passagem do Cântico dos Cânticos que sempre amei, isto é, o início do chamado segundo noturno, no começo do capítulo 5 do Cântico, quando o amado, no coração da noite, bate à porta da casa da Sulamita, pedindo-lhe que se levante para abrir:

“Abra, minha irmã, minha amada, pomba minha sem defeito!” [Falamos de vocação, de um sentir-se chamado. Pois bem, o mesmo acontece aqui. A Sulamita ouve a voz do Amado que a chama a levantar-se, a mover-se. Mas ela não quer levantar-se para ir abrir...]

“Eu já estou dormindo, só o meu coração ainda está desperto. Já despi a túnica, e vou vesti-la de novo? Já lavei meus pés, e vou sujá-los de novo?”

Na verdade, encontrei o comentário de Agostinho a essa passagem, ao qual aludi, lendo um artigo de Ratzinger, que por sua vez comentava Agostinho. Permitam-me então ler para vocês tanto a citação de Agostinho quanto o comentário de Ratzinger a ela, porque um é mais belo do que o outro:

“Agostinho reflete: o amante que está à porta de sua amada é Cristo, o Senhor. A amada é a Igreja, são as almas unidas ao seu Mestre por um amor alimentado pela fé. Mas isso suscita uma grande pergunta: como podem os pés sujar-se, se vão ao encontro de Cristo para abrir-lhe a porta? Como é possível que o caminho até Cristo, que lavou os pés dos seus, possa tornar sujos os pés? Precisamente esse paradoxo – observa Ratzinger – remete a algo determinante, que ajuda também o bispo pregador [isto é, o próprio Agostinho, que desejava uma vida de tranquila contemplação, mas o haviam feito bispo contra a sua vontade] a compreender e suportar a dolorosa divisão da própria vida entre contemplação e ação. A esposa que não quer abrir porque já está banhada representa as pessoas contemplativas, que preferem permanecer fechadas em seu quarto e nada desejam além de meditar profundamente as verdades eternas, sem se preocupar com o mundo, que lá fora segue o seu caminho ruidoso e confuso.

*Mas eis que Cristo bate à porta e diz: 'Tu te entregas à contemplação, mas assim fechas a porta na minha cara; procuras a comodidade de alguns poucos, enquanto lá fora o mal se espalha como abundante joio e esfria o amor de muitos. (...) Aperi mihi... aperi mihi et praedica me!' [que significa: "abre-me... abre-me a porta, anuncia-me, prega-me!"] Certamente: quem assim abre a porta a Cristo e se dedica a um trabalho apostólico entre os homens acaba necessariamente por sujar os pés, é inevitável. Mas os suja por amor a Cristo, que espera do lado de fora da porta nos muitos aos quais nenhum outro caminho conduz, senão aquele que passa pela sujeira do mundo."*¹

Atenção: como Ratzinger explica mais adiante, as palavras de Agostinho são, na realidade, dirigidas antes de tudo a si mesmo. Como se sabe, o grande bispo de Hipona havia se retirado para Cassiciaco para viver, com poucos amigos, uma vida de contemplação. A Sulamita que já lavou os pés e se deitou é, portanto, para Agostinho, ele mesmo. Acontece, porém, que o Destino – através da *vox populi* – o havia chamado a tornar-se bispo e, por isso, a ter de mergulhar novamente na confusão da vida no mundo e, assim, sujar de novo os "pés", que para Agostinho são o símbolo da nossa carne, da nossa frágil humanidade, tão inclinada a deixar-se contaminar pelo contato com o "mundo".

Pois bem – Agostinho havia compreendido com o passar do tempo: é verdade, mergulhar no mundo por amor a Cristo, para comunicá-Lo e levá-Lo aos outros, significa sujar-se. Significa, e isso é um pouco inevitável, expor-se mais a certos tipos de pecados, por assim dizer, à impureza, ao enlameamento dos pés, em suma (podemos incluir aqui, por exemplo, toda uma série de concessões, de quedas mesquinhas que não conseguimos evitar e nas quais acabamos caindo continuamente, arrastados pelo clima do ambiente...). Contudo, prossegue Agostinho, se é a caridade, isto é, o amor a Cristo, o motor que impulsiona para fora da cama; se é a caridade que informa o movimento que leva a "sujar" os pés, então também essa disponibilidade para "mergulhar na lama" torna-se um valor, torna-se um valor agregado. Não em sentido maquiavélico, não no sentido de que os fins justificam os meios (o pecado continua sendo pecado!). Mas no sentido de que levar em conta o risco de cair, e até mesmo o inevitável cair algumas vezes a mais (o que é sempre uma humilhação), se isso é levado em conta por caridade, pelo desejo de participar do movimento de Cristo em direção ao mundo, de participar do grande movimento que levou o Verbo, em vez de permanecer confortavelmente na casa do Pai, a misturar-se conosco para nos trazer, para comunicar também a nós a Sua vida de Filho; se a disponibilidade para sujar-se é vivida com esse motivo, então também a humilhação e a dor que esse sujar-se inevitavelmente implica tornam-se um valor agregado, tornam-se parte do teu sacrifício, da tua oferta.

¹ J. Ratzinger, *O Novo Povo de Deus, Queriniana, 1971*, p. 45-46. Prossegue mais adiante Ratzinger: "Aquilo que Agostinho propõe aqui é o problema da sua própria vida. Desde 391, ele havia perdido irremediavelmente o silêncio sonhado da contemplação; em seus irmãos que esperavam, Cristo havia batido à porta do convento: *Aperi mihi et praedica me*. Agostinho jamais abandonou o desejo da contemplação, a nostalgia de possuir 'a parte de Maria', mas aprendeu a compreender e a amar cada vez mais profundamente o fato de que ao cristão, neste mundo, é confiada uma outra tarefa; no lugar da mística neoplatônica da ascensão, que ele próprio havia experimentado na visão de Óstia, foi-se impondo cada vez mais uma mística do serviço, que pode ser definida como o verdadeiro sentir fundamental do bispo Agostinho, como a 'espiritualidade agostiniana'."

E, por isso, tornam-se adubo que não embrutece, mas, ao contrário, faz florescer paradoxalmente a nossa humanidade. Porque aquilo que verdadeiramente nos edifica é, no fim das contas, a caridade vivida, o sim dito e repetido todos os dias, como se pode e como se consegue, à voz que chama: "Abra, abra, meu irmão, meu amado..."

Levar a luz de Cristo

Passo assim à segunda citação, que é de outro padre da Igreja, um pouco menos famoso, mas não menos querido para mim: Efrém da Síria. Pois bem, o grande Efrém, que além de santo era um grande poeta, em um de seus poemas sobre a paixão de Cristo, tem uma intuição interessante: a de ver uma conexão, um vínculo profundo entre o "suor" do primeiro Adão, do qual falávamos esta manhã – um suor negativo, mau, porque é como o sintoma daquilo em que se tornou o trabalho da terra (cf. Gn 3,17-19), depois que Adão, no jardim do Éden, decidiu confiar na serpente (cf. Gn 3,1-6): algo alienante e opressivo – e um outro suor: o suor de sangue do novo Adão, em outro jardim, o Getsêmani. O segundo, o suor de Jesus, na verdade tem como finalidade a redenção do primeiro:

"Bem-aventurado és tu, ó lugar [ele está se dirigindo ao jardim do Getsêmani, que aqui é personificado], que foste digno daquele suor do Filho que caiu sobre ti; à terra [aquela mesma terra, aquele mesmo solo que havia sido amaldiçoado depois da queda e que, desde então, produzia 'espinhos e cardos'] misturou o seu suor, para afastar o suor de Adão (...) Bem-aventurada a terra que Ele perfumou com o seu suor e que, enferma, foi curada" (Hino VIII sobre a Crucificação).

Que lindo. Em que sentido o suor de Cristo afasta o suor de Adão e transforma, ao cair sobre a terra, o solo de amaldiçoado em abençoado? As palavras de Efrém, como frequentemente acontece com a poesia, podem obviamente ser interpretadas de diversos modos e sentidos. Gosto de ver aqui uma alusão à redenção do trabalho, da fadiga do trabalho, que o sacrifício de Cristo trouxe ao mundo, ao menos para quem olha para Ele com fé, para quem tem a graça de perceber o sentido "glorioso", isto é, a fecundidade escondida em Seu suor de sangue. Em outras palavras: olhar para o suor de Cristo não "afasta o suor" da frente de Adão no sentido de eliminar magicamente a fadiga. Mas no sentido de transformar o seu significado e, assim, torná-lo amável. (É a ideia evangélica do jugo leve, não?)

Em suma: a fadiga, a tribulação, o confronto com as impiedosas leis do mundo do trabalho e, por isso, o ser em parte arrastado para dinâmicas que nos oprimem, que nos fazem sofrer e até mesmo nos levam a "suar sangue", é de algum modo inevitável, a menos que todos nos retiremos para uma reserva indígena ou para uma aldeia Amish, como Harrison Ford em "A Testemunha". Para passar a um texto mais conhecido: poderia Frodo Bolseiro evitar que o Anel que tem a missão de carregar e destruir o enredasse a ponto de quase dominá-lo? Talvez não. Não sei. Mas, de todo modo: o fato de que, no fim, seja a Providência e não a sua virtude a fazer com que a missão não fracasse, retira mérito e heroísmo da sua empreitada, do sim que ele repetiu dia após dia até o fim? Frodo é um "herói fracassado"? Não, de modo algum! A sua grandeza está toda na fidelidade à tarefa. Os resultados, como diz Péguy, estão nas mãos de um Outro.

Em síntese: ser atingido, contaminado pela mentalidade do mundo; essa exposição à contaminação é parte do risco e da epopeia da missão do cristão e, permito-me dizer, em particular da missão do leigo, cuja tarefa própria é exatamente esta: "evan-

gelizar" as realidades seculares, levar a luz de Cristo justamente àquelas cavernas, àqueles "infernos" que mais resistem a essa luz.

Poderíamos dizer, usando outra imagem que não é minha, mas de Von Balthasar: vocês, precisamente enquanto leigos, são os "paraquedistas" de Cristo – o time daqueles que são lançados à frente, para o primeiro ataque. Parece-me claro que hoje, em um contexto social e cultural neopagão como aquele em que vocês vivem e trabalham, essa imagem do paraquedista é cada vez mais apropriada. O que pode suscitar certo temor, mas, por outro lado, também é exaltante, não? É claro que, ao dizer isso, não estou afirmando que o monge que permanece recolhido atrás dos muros do mosteiro não esteja também engajado na batalha pela redenção do mundo. Está, mas de um modo e num sentido diferentes, mais invisíveis e interiores. E, no entanto, o ponto essencial permanece. O paraquedista é, de fato, aquele que mais se expõe aos disparos das metralhadoras do inimigo...

Agora, para permanecer na imagem: o que permite ao paraquedista não se despedaçar imediatamente no momento do pouso? Em outras palavras: o que lhe permite ser uma presença eficaz, um soldado equipado e pronto para a batalha e, portanto, também capaz de saborear a sua epopeia? Parece-me que esta é a questão. Isto é: qual é a fonte que permite, para voltar a Agostinho, mergulhar na lama sem afundar nela, sujar-se, mas apenas por fora, por assim dizer? O que permite essa mistura paradoxal de luz e sujeira, de "pureza" e "impureza", por assim dizer, que depois, se, como e quando Deus quiser, se torna um testemunho que ilumina o ambiente escuro, perturbando-o?

Enquanto falo, vem-me à mente outra figura extraordinária, talvez a personagem feminina que mais amo em toda a história da literatura: Sônia, a pequena e grande Sônia Marmieládova, a prostituta protagonista de "Crime e Castigo", juntamente com o jovem assassino Raskólnikov.

É verdade, Sônia é uma prostituta. De um ponto de vista estritamente ético, isto é, do ponto de vista de uma sã e correta teologia moral, embora movida pela generosidade e pelo altruísmo, Sônia errou ao aceitar prostituir-se para prover às necessidades da sua desgraçada família. É claro que o fim não justifica os meios. E, contudo, a Providência faz com que o seu impulso de sacrifício amoroso, por mais desordenado e confuso que seja, por mais equivocado e imprudente na forma que assume, se torne instrumento de um grande bem, ou melhor, de um bem imenso: a salvação de outro ser humano, precisamente Raskólnikov. De fato, as duas coisas no romance são ambas verdadeiras e paradoxalmente entrelaçadas. É verdade que Sônia errou ao fazer de si mesma uma prostituta (Dostoiévski jamais sugere o contrário). Mas também é verdade que, se Sônia não fosse uma prostituta, isto é, se não estivesse onde está, na situação em que está, quando encontra Raskólnikov, o jovem assassino jamais teria sido atraído por ela como efetivamente foi, justamente porque a sente próxima, semelhante a si mesmo, perdida como ele. Por que Raskólnikov se apega a Sônia? Inicialmente, ele acredita apegar-se a ela pelo simples desejo de não permanecer sozinho – e ela lhe parece a única companhia possível precisamente porque, em certo sentido, é semelhante a ele, está onde ele está. Mas, com o passar do tempo, ele descobrirá que ela não é, de forma alguma, igual a ele em tudo. Descobrirá aos poucos – e será isso, quase contra a sua própria vontade, que o salvará – que essa pequena criatura, aparentemente "perdida na escuridão" como ele, traz dentro de si um fogo, uma Luz que a torna diferente, infinitamente diferente dele. O ponto, porém, que me interessa destacar é o primeiro: Poderia a diferença – ou mesmo a santidade – de Sônia atrair o endurecido e orgulhoso Raskólnikov se ela não estivesse ao mesmo tempo tão próxima dele, se ela não fosse ao mesmo tempo tão próxima dele?

Onde você está

Chego assim ao ponto final. O que significa estar próximo? Certamente, existem muitas formas de proximidade. Mas, antes de tudo, estar próximo significa encontrar-se no mesmo lugar. O que nos torna próximos é o lugar. E não é exatamente isso que distingue a missão do leigo, por exemplo, da do monge ou da do sacerdote? Eu *não posso estar em uma fábrica* ou em um escritório de advocacia. Por quê? Porque sou padre!

Portanto, para permanecer no exemplo de Sônia: no fundo, não importa como alguém acabou ocupando uma determinada posição em uma determinada empresa. Talvez alguém esteja ali porque, de fato, numa certa fase da sua vida, não buscava outra coisa senão ganhar dinheiro e passar os outros para trás. Não importa. A questão é como você se coloca agora, no presente. Se agora, neste momento, você se dá conta de que aquilo que deseja é gastar-se por Cristo, pela construção do Seu reino, por que deveria ser impossível que justamente o seu "estar onde está", um pouco como Sônia no romance, se torne a ocasião para que algum Raskólnikov encontre, através de você, o verdadeiro sentido da vida?

Portanto, voltando à pergunta de Davide: a pergunta que talvez seja preciso fazer é se, no presente, a pessoa tem ou não uma fonte que alimente essa "diversidade", que permite a Sônia ser para Raskólnikov aquilo que ela, mesmo sendo prostituta, de fato se torna. Aqui, eu diria, é onde entra em jogo o valor adicional não apenas da fé, mas também da companhia, isto é, das relações que alimentam a pessoa. Sobre isso, quero apenas recordar algo que já disse anteriormente, retomando, aliás, um conceito que já havia surgido em Assis. O que quis dizer quando afirmei que me parece equivocado reduzir a companhia a um lugar de aprendizagem de critérios mais justos e melhores – a um "lugar de formação", por assim dizer (sem negar, evidentemente, a importância desse aspecto)?

O que eu queria dizer é, em termos simples, o seguinte: em última análise, em que consiste o coração dessa diversidade que somos chamados a levar aos ambientes nos quais nos movemos? Qual é o conteúdo dessa diversidade? Sem dúvida – já o dissemos – um modo de agir que obedece a uma lógica diferente daquela do mundo, uma lógica que talvez as palavras gratuidade e caridade expressem da forma mais sintética. O coração dessa diversidade não pode consistir no fato de eu ser mais competente e mais eficiente do que os outros naquilo que faço. Para isso não há necessidade de Cristo – basta trabalhar mais ou ter mais neurônios. O coração dessa diversidade está no fato de que aquilo que, em última instância, me move no agir (já não sou eu que vivo, mas Cristo vive em mim) não é mais a busca de um poder; não é mais a busca de um prazer individual; não é mais o fascínio do anel do poder, mas sim a paixão pelo bem comum ou, para dizê-lo com Giussani, pelo destino de todos e de tudo. Mas qual é o destino de tudo? É o Reino de Deus, a comunhão universal. Entende-se assim por que a comunhão, isto é, o conceber-me como parte de um "nós" ao qual pertenço, não é algo extrínseco àquilo que sou chamado a levar, à diversidade que sou chamado a testemunhar. Por quê? Porque o conteúdo dessa diversidade é exatamente um eu que não vive para a própria autoafirmação individual, mas para a construção de um "nós", de uma comunhão, de uma amizade da qual já vive, que já vive!

Essas são as reflexões que me vieram à mente, reagindo de imediato ao que surgiu. Obviamente, como já disse, estas breves considerações não tinham a pretensão de responder às muitas questões que emergiram. Parece-me, porém, que podem sugerir caminhos de reflexão e trabalhos futuros.

Obrigado!